

**A União de Resistência Nacional (URN):**

**uma trincheira conservadora contra o PCB (1945 – 1946)**

*Renato Alencar Dotta<sup>1</sup>*

Ao longo de 1945, com a redemocratização em marcha acelerada, o fim da censura, a anistia política<sup>2</sup> e a reorganização partidária dos vários grupos políticos, começam a circular boatos sobre um suposto retorno do integralismo na arena política nacional. O DOPS-SP estava atento a isso e – tal como, aliás, a imprensa - reflete vários desses boatos em seus documentos internos.

Nesse momento, final da II Guerra Mundial, na qual o Brasil havia declarado guerra aos países do Eixo e enviado soldados para lutar no palco europeu da guerra, a opinião pública via nos integralistas locais como os representantes brasileiros de Hitler e Mussolini. Isso se deveu não apenas aos elogios feitos pela AIB - através de sua imprensa, livros e discursos - aos regimes do Eixo durante a década de 1930, bem como usado toda uma simbologia abertamente relacionada aos movimentos fascistas internacionais, mas, pelo menos tão importante quanto, a uma intensa propaganda do Estado Novo acusando o movimento como “agentes de Hitler no Brasil”, “quinta-colunistas” etc.

Alvos de duros ataques pela imprensa e por setores da sociedade, e ainda sem um partido oficialmente formado, vários integralistas fizeram parte de esforços de formar frentes políticas suprapartidárias, em torno de causas comuns que não fossem estranhas ao integralismo, juntamente com pessoas de outros agrupamentos políticos. Entre estas frentes estão a Cruzada Brasileira de Civismo (CBC), formada em agosto de 1945, e a União de Resistência Nacional (URN), criada um mês depois. Em ambas, o tema

---

<sup>1</sup> Doutorando em História Social, FFLCH-USP. E-mail: radotta@gmail.com.

<sup>2</sup> O DOPS esteve atento para a anistia dos presos integralistas. Há duas notícias da agência Asapress, anexadas num dossiê, que contêm listas de anistiados do movimento do sigma. As listas são quase repetidas, pois alguns nomes não coincidem. Os nomes mais conhecidos são os de Belmiro Valverde e Severo Fournier (grafado “Funier”), que foram os principais líderes do levante de maio de 1938. Fournier, é importante lembrar, não era integralista, sendo um dos representantes dos “liberais” no levante. Fournier morreu um ano depois de sua libertação, devido a uma pneumonia que desenvolveu na prisão. “ASAPRESS”, 19/04/1945 (24-Z-5-18, DOPS, DAESP) e 24/04/1945 (24-Z-5-19, DOPS, DAESP). A notícia do dia 24 fala de um anistiado, Maurício da Costa Pereira (citado na lista do dia 19) que não pode sair por “*determinação médica ficou na ilha [Grande? Fernando de Noronha?] devendo regressar amanhã ou depois, de trem.*”

dominante foi o anticomunismo, o que é muito compreensível, devido à alta popularidade do comunismo no Brasil naquele momento, em que o PCB não era apenas legal, como seria considerado, logo após as eleições legislativas de 1946, a quarta força eleitoral nacional.

A Cruzada foi criada em 14 de agosto de 1945, no Rio de Janeiro. A constituição da diretoria da Cruzada era quase totalmente formada por militares das três Forças Armadas, o que mostrava ainda o desejo dos integralistas de se agregarem a instituições de prestígio como forma de melhorar sua imagem. Contudo, o jornal *Tribuna Popular*, vinculado ao PCB, e que fazia ampla campanha contra a rearticulação integralista, publicou que o major Rubem Massena, diretor do departamento de propaganda da Cruzada, pedira demissão do cargo ao se certificar de que a CBC seria uma organização com o objetivo de reviver a AIB, ou uma ala dela.<sup>3</sup> A partir de situações como essa, o semanário integralista *Reação Brasileira* rebate as acusações de que a Cruzada se trataria de um retorno da AIB:

“Outro ponto que precisa ficar esclarecido é o que se refere à afirmação feita pelos jornais comunistas de que a C.B.C. nada mais é do que uma capa da Ação Integralista. O objetivo da imprensa vermelha, ao lançar esta versão falsa é claro. Pretende-se evitar que os brasileiros anticomunistas que não são integralistas apoiem a C.B.C., o que viria a impossibilitá-la de atingir o seu escopo, que é exatamente o de congregar todos os bons brasileiros, de quaisquer partidos, na tarefa comum de lutar pelos interesses superiores da Pátria.”<sup>4</sup>

Desse modo, devido à repulsa quase onipresente na sociedade referente ao integralismo, o jornal integralista vê-se obrigado a rejeitar qualquer relação da entidade com a antiga doutrina do Sigma. Por outro lado, encontramos na documentação do DOPS-SP, pouquíssimas menções sobre a Cruzada Brasileira de Civismo. Uma delas foi já em

---

<sup>3</sup> “Cruzada Brasileira de Civismo (CBC)”. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Disponível em [www.fgv.br/cpdoc](http://www.fgv.br/cpdoc). Acessado em 29/07/2014. Segundo o *Dicionário*, “a presidência [da CBC] foi ocupada pelo capitão-de-fragata João B. de Medeiros, que teve como primeiro vice-presidente o major-aviador Osvaldo Pamplona, como segundo vice-presidente o professor Alfredo Baltazar da Silveira e como secretário-geral o major de artilharia H. Teixeira Campos.” *Op. cit.*

<sup>4</sup> “A verdade sobre a Cruzada Brasileira de Civismo”. *Reação Brasileira*, 23/08/1945, p. 1. *Apud* CALIL (2001: 141).



setembro, num relatório policial sobre a União de Resistência Nacional: “Essa entidade [a URN] pretende substituir-se em São Paulo á CRUZADA BRASILEIRA DE CIVISMO, cujo lançamento não foi bem aceito no Rio de Janeiro.”<sup>5</sup>

Ao contrário da Cruzada, a URN foi importante alvo de investigação do DOPS-SP. Investigadores estiveram presentes na solenidade de fundação da entidade no Teatro Municipal da capital paulista, no dia 16 de setembro de 1945. Um agente identificado apenas como “J. N.”, depois de escrever que a nova entidade não foi “bem aceita”, relativizou o entusiasmo e o número de pessoas presentes na cerimônia: “A assistência que compareceu ao teatro era grande mas não deu para lotar o grande teatro, notando-se ainda muitas vagas nos camarotes e às portas de acesso. Havia, incomparavelmente muito mais gente no Comício da Liga Eleitoral Católica, realizado no mesmo local há poucos dias.”<sup>6</sup>

Entre os presentes estavam Gofredo da Silva Telles Jr., que pertenceu à AIB, e era professor da Faculdade de Direito<sup>7</sup>; Mario de Souza Lima, também professor daquela instituição; Mario Moura de Albuquerque, do Ministério Público da Capital; Plínio Correa de Oliveira, jornalista responsável pelo órgão oficioso da Arquidiocese de São Paulo, *O Legionário*;<sup>8</sup> diversos militares, inclusive o Capitão de Fragata João B. de

---

<sup>5</sup> Comunicado preparado por S-4, São Paulo, 18/09/1945, 20-Z-22-4, SS, DOPS-SP, DAESP. A outra foi no dossiê do PRP, em que o nome da associação foi escrito de forma incorreta: “Naturalmente, nessa entidade política [o PRP] devem encontrar-se os adeptos da U.R.N. (União de Resistência Nacional, Cruzada Cívica de Cultura [sic], etc.)”. Comunicado preparado por S-1, 17/11/1945. 24-J-2-2. SS, DOPS-SP, DAESP. Não encontramos menção ao encerramento de atividades da CBC, mas no início de 1946, ela ainda deveria ser formalmente ativa, pois foi alvo de protesto do Movimento Unificador dos Servidores Públicos do Estado de São Paulo (MUSP), o qual enviou “telegramas de protesto contra a rearticulação do integralismo, sob o nome de Partido de Representação Popular, Cruzada Brasileira de Civismo, [e] União de Resistência Nacional”. “Telegramas de protesto contra a rearticulação integralista”. *Folha da Noite*, 16/02/1945, p. 8. Disponível em [acervo.folha.com.br](http://acervo.folha.com.br).

<sup>6</sup> Comunicado preparado por S-4, assinado por J.N. São Paulo, 18/09/1945, 20-Z-22-4, SS, DOPS-SP, DAESP.

<sup>7</sup> Gofredo da Silva Telles Jr. será mais tarde militante do PRP, e seria eleito nas eleições legislativas de 1945 como deputado federal constituinte por São Paulo. Apoiou o golpe de 1964, mas mais tarde rompeu com o regime militar, sendo autor da “Carta aos Brasileiros”, de 1977, documento que repudiava o regime. Depois da redemocratização, tornou-se simpatizante da esquerda e do PT. Ver entrevista na revista *Teoria e Debate*, de 01/10/1990, na qual relativiza e reelabora seu passado integralista. BUCCI, Eugênio. “Goffredo Telles Jr.” Disponível em <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/goffredo-telles-jr?page=0,0>. Acessada em 29/07/2014.

<sup>8</sup> Plínio Correia de Oliveira nunca foi da AIB, mas pertenceu à Sociedade de Estudos Políticos (SEP), entidade criada em fevereiro de 1932, da qual surgiu a Ação Integralista em outubro daquele ano. Ficaria mais conhecido por ter fundado e presidido a partir de 1960 a Sociedade Brasileira em Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), associação que tinha o anticomunismo como uma de suas principais características. Sobre a TFP, ver ZANOTTO (2012), e sobre Oliveira há uma biografia oficial escrita por MATTEI (s/d).



Medeiros Guimarães Roxo, “comandante do navio *Vital de Oliveira*, posto a pique pelos alemães”<sup>9</sup>, o Coronel Inácio José Veríssimo, diretor de artilharia de costa da Praia Vermelha<sup>10</sup>, no Rio de Janeiro, e o Major Hortolino Teixeira Campos, secretário da Cruzada Brasileira de Civismo do Rio de Janeiro<sup>11</sup>. Além destes, estavam Gilberto Domingues da Silva, aluno do quinto ano da Faculdade de Direito; Galdino Ramos, “operário da indústria de Santo André”<sup>12</sup>, Wilson José de Castro Silva, que foi militante da AIB e pracinha da Força Expedicionária Brasileira (FEB)<sup>13</sup>, um representante do Secretário da Justiça e Segurança Pública do Estado e representantes do clero católico. O evento, iniciado às 21 horas, foi transmitido ao vivo pelo rádio Panamericana.

Os agentes do DOPS-SP tinham conhecimento da presença de integralistas na URN:

“A União de Resistência Nacional, segundo se sabe, mantém ligações com todas as entidades existentes com o fito de combater o comunismo e com os **antigos componentes da Ação Integralista Brasileira, muitos dos quais estiveram presentes à instalação desse partido**, na solenidade havida no Teatro Municipal, em 16 de setembro p. findo.”<sup>14</sup>

Deve-se notar o simbolismo da presença de pelo menos três pessoas nessa mesa: o Coronel Veríssimo, como um representante de um local onde ocorreu o levante militar de novembro de 1935, inspirado na Aliança Nacional Libertadora (ANL), dito “comunista”; o operário Ramos, vindo de uma cidade que já naquele momento era sinônimo de uma grande população operária, como um convite para que outros operários

---

<sup>9</sup> Comunicado preparado por S-4, São Paulo, 18/09/1945, 20-Z-22-4, SS, DOPS-SP, DAESP. Os outros militares presentes, segundo o comunicado eram: tenente-coronel Correia de Lima, Capitão Teodomiro Gaspar de Almeida, Capitão Nysio Cardoso e o Tenente Francisco Assis Lopes.

<sup>10</sup> Onde ocorreu um dos levantes militares inspirados pela Aliança Nacional Libertadora, em novembro de 1935.

<sup>11</sup> De acordo com outro relatório, escrito pelo chefe do policiamento daquele evento. Documento assinado por João Guedes Tavares, Delegado-Chefe do Setor de Ordem Social. São Paulo, 16/09/1945. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*, fls. 2 e 3. DOPS-SP, DAESP. Há poucas diferenças entre este relatório feito pelo chefe do policiamento e o outro, encontrado no dossiê, citado.

<sup>12</sup> Comunicado preparado por S-4, São Paulo, 18/09/1945, 20-Z-22-4, SS, DOPS-SP, DAESP.

<sup>13</sup> Documento assinado por João Guedes Tavares, Delegado-Chefe do Setor de Ordem Social. São Paulo, 16/09/1945. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*, fls. 2 e 3. DOPS-SP, DAESP.

<sup>14</sup> Comunicado preparado por S-1, sobre a União de Resistência Nacional, 7/11/1945, 20-Z-22-11. SS, DOPS-SP, DAESP. Grifo meu.





– o público-alvo por excelência da propaganda do PCB - deviam ser anticomunistas; e o expedicionário Castro Silva, como ex-combatente que ajudou a derrotar o nazismo na Europa funcionaria como um álibi do suposto caráter “democrático e antitotalitário” da entidade, e por extensão, do integralismo.

A presença dos pracinhas da FEB era muito valorizada nos eventos integralistas. De acordo com um historiador: “*Os poucos integralistas que combateram com a FEB tiveram sua trajetória muito explorada pelo partido [PRP]. O capitão Mário Montanha, que comandou um pelotão e recebeu condecorações por bravura, percorreu diversas regiões do Brasil defendendo o integralismo e desmentindo as denúncias*” (CALIL, 2001: 93).

Castro e Silva foi contundente ao fazer uma relação entre a guerra contra o nazismo na Europa e a “nova trincheira” contra o comunismo no Brasil ao declarar “*que a U.R.N. é uma nova trincheira para os expedicionários, que nunca mais poderão deixar de lutar, sempre que a Nação esteja em perigo, sempre que o Brasil sofra a ameaça de forças inimigas da sua independência e da sua grandeza.*”<sup>15</sup>

Havia no local um grande policiamento, pedido pela organização do evento, e um grande número de investigadores. Deveriam estar presentes desde as 20 horas **dois delegados, dez agentes de investigação, doze guardas civis para policiamento interno, dez guardas civis** para policiamento, além da “turma de choque” do DOPS.<sup>16</sup> É compreensível que o policiamento pedido visava evitar confrontos com militantes comunistas e seus simpatizantes, mas não deixa de ser surpreendente o grande número de

---

<sup>15</sup> Recorte de artigo do jornal *A Noite*, de 17/09/1945, sem título, anexado em 20-Z-22-9. DOPS-SP, DAESP. Castro e Silva suicidou-se um ano depois. Quando de seu falecimento, o jornal integralista *Páginas de Combate* dedicou matéria de capa ao passamento (sem informar a causa mortis), inclusive com foto do pracinha discursando na cerimônia de instalação da URN. Diz o texto: “*É interessante notar que o nosso expedicionário – um dos inúmeros expedicionários integralistas que, como Frei Orlando, capelão da F.E.B. aceitaram com prazer o supremo sacrifício pedido pela Pátria – ao voltar a São Paulo encontrou em franca organização a ‘União de Resistência Nacional’, movimento nacionalista de combate às ideologias que, como o comunismo, dissolvem os sentimentos de brasilidade e destroem o caráter individual. Pois bem: não teve dúvidas o ‘pracinha’ em alistar-se na ‘U.R.N.’.*” Ainda segundo o texto, Silva entrou depois no PRP. “Morre um ‘pracinha’ integralista que honrou na Europa a camisa-verde do exército brasileiro”. *Páginas de Combate*, nº 9, 14/09/1946, pp. 1 e 3. Castro e Silva foi ainda “*auxiliar da secretaria*” no diretório paulista do PRP, e foi homenageado numa reunião do partido. Ver “Comunicado preparado por S-OP”, São Paulo, 24/09/1946, 24-Z-5-34, SS, DOPS-SP, DAESP.

<sup>16</sup> “Escala de policiamento extraordinário de Ordem Política e Social, para uma Sessão da União de Resistência Nacional, a realizar-se no próximo dia 16/9/1945”. Relatório assinado por Venâncio Ayres, Delegado Auxiliar Chefe do Departamento de Ordem Política e Social. 20-Z-22-9. DOPS-SP, DAESP.



investigadores para um evento anticomunista e com a presença de militares e membros do governo estadual, pelo menos, supondo-se que tais investigadores estavam fazendo seus serviços de praxe, isto é, investigando. De todo modo, o evento não teve incidentes.

Em seu discurso durante a cerimônia, Goffredo da Silva Telles, declarou, de acordo com o investigador J. N., o caráter anticomunista da URN, enfatizando a ideia de que os destinos do Brasil e de todo o continente americano deveriam ter os EUA como seus guardiões:

“Estamos presentemente num mundo diferente, que se entrelaça de tal forma que os problemas brasileiros de anos atrás se tornaram completamente anacrônicos e os problemas atuais deixaram de ser problemas brasileiros para serem problemas americanos.

Num mundo cada vez menor como aquele em que vivemos, não podemos ser apenas brasileiros, mas também americanos e os nossos problemas não são de existência, mas de co-existência.

A América se constitui hoje em polo arbitral da política de hoje, e nós nos achamos encerrados na vertente americana.

O orador se refere a seguir aos postulados da Carta do Atlântico.

Afirma depois que da América do Norte nos vem as diretrizes da democracia política, ameaçada agora por uma nova força política internacional – o Partido Comunista – que, através dos discursos dos seus líderes, revela um desdém pelo quessomos [sic], quer como brasileiros, quer como americanos, opondo à política existente, uma política estranha, exótica, soviética.

Pretende essa força, de aparência sedutora e hipócrita e mentirosa nas suas pretensões, resolver impiricamente [sic] um problema de nossa vida agrária e industrial, com uma solução anti-brasileira e anti-americana, pretendendo aplicar-lhe normas de domínio internacional.

Contra essas forças exploradoras da paixão nazista da guerra [sic], é preciso advertir a nação, pois o princípio da doutrina comunista, sob o rótulo de União Nacional, dentro do quadro das nações, tão contrária à índole, à nossa tradição, contrária à nossa ética nacional e americana.

Afirmamos poder resolver o problema econômico nacional, atendendo às justas reivindicações das nossas classes, dentro do quadro do Brasil. Os que pensam como nós

e querem lutar, devem se agrupar sob a égide dessa União, que não pertence a nenhum partido, mas a todas as nações para que o Brasil resista e vença, sem apego a doutrinas impraticáveis, e ao mesmo tempo elegendo os seus governantes em função das suas necessidades e das suas realidades.

A União de Resistencia Nacional se constitue em baluarte da União Nacional. Nela se unirão brasileiros de todas as crenças, de todas as profissões. Este núcleo de resistência e de afirmação do Brasil nos dará a garantia de restauração de uma vida democrática.

Que o nosso protesto ecoe no coração de todos os homens e mulheres do Brasil.

Que se instale urgentemente a U.R.N.”<sup>17</sup>

Indo além do anticomunismo integralista dos anos 30, que tinha o nacionalismo e as “tradições brasileiras” como sua matriz, o discurso anticomunista da URN, tinha uma dimensão geopolítica mais ampla, que abarcaria todo o Hemisfério Ocidental, capitaneado pela democracia liberal dos Estados Unidos. Assim, nesta visão, os comunistas, longe de querer resolver os problemas das contradições sociais brasileiras, pretendia impor ao Brasil “*uma política estranha, exótica, soviética*”, e portanto, “*antibrasileira e antiamericana*”.<sup>18</sup> Tal concepção geopolítica está estreitamente relacionada com a realidade internacional de então, o imediato pós-guerra. De acordo com Rodrigo Motta:

“No bojo da Guerra Fria, o bloco anticomunista era capitaneado pelos EUA, nação tradicionalmente comprometida com os valores democráticos. Na ótica dos norte-americanos e de seus aliados europeus ocidentais, a luta contra os países ligava-se ao objetivo de afirmar a democracia contra a tirania. Nada mais natural que os anticomunistas brasileiros procurassem apoio externo para sua causa vinculando-se ao mundo ‘livre, ocidental e cristão’, o que conduzia a uma identificação com os valores propugnados pelas ‘nações democráticas’ (MOTTA, 2002: 41).”

---

<sup>17</sup> Comunicado preparado por S-4, São Paulo, 21/09/1945. 20-Z-22-5. SS, DOPS-SP, DAESP.

<sup>18</sup> Era o pan-americanismo anticomunista, que veio a ser a base ideológica da Escola das Américas, centro de treinamento militar norte-americano localizado no Panamá, voltado para a instrução de militares latino-americanos, os quais teriam papel determinante das ditaduras que seriam apoiadas por Washington no continente.

A URN instalou sua sede no 24º andar do Edifício Martinelli, no centro de São Paulo. Tinha pretensões de se espalhar pelo interior do Estado e pelos bairros da capital, inclusive em bairros operários, até a periferia mais distante. Seu objetivo tático era bem claro: *“Pretende a União criar Comitês em todo o Estado, promovendo a união de elementos de todas as classes e partidos, em função dos princípios cristãos e nacionais, em oposição aos Comitês Democráticos Populares criados pelo Partido Comunista do Brasil.”*<sup>19</sup>

Nesse sentido, cabe aqui um destaque às reuniões promovidas em São Miguel Paulista, registradas pelo DOPS-SP, na época apenas um distante povoado no extremo leste do município de São Paulo. Havia, ali, um grande número de operários da Nitroquímica, empresas de produtos químicos. A grande maioria, imigrantes nordestinos. Duas reuniões da União foram registradas pela polícia política. Segundo esta, havia *“em São Miguel, um dos mais numerosos núcleos comunistas”*.<sup>20</sup>

A primeira, em 16 de outubro, foi realizada no Cine-Teatro São Miguel e reuniu oitocentas pessoas, além de *“nos corredores e em frente ao teatro, outras trezentas ou quatrocentas pessoas”*, o que não deixa de surpreender, pois a solenidade de inauguração no Teatro Municipal congregou oitocentos e cinquenta espectadores, sempre segundo os cálculos policiais. E o universo populacional de São Miguel era de cerca de quinze mil moradores.<sup>21</sup>

Ao relatar a reunião, iniciada por volta das 20 horas, o delegado adjunto Teóphilo Mesquita não escondeu seu entusiasmo com o clima reinante:

“Ao que parece, a ‘União de Resistência Nacional’ está destinada a obter grandes sucessos em sua campanha de combate aos extremistas da ala russa.

---

<sup>19</sup> “Instalou-se nesta capital a União de Resistência Nacional”. *Folha da Manhã*, 18/09/1945, p. 20. Segundo matéria paga (“a pedido”) no mesmo jornal, entre o final de setembro e o início de outubro foram *“instalados grupos da URN em Jundiaí, Avaré, Santos e no bairro do Ipiranga”* (outro bairro operário da capital), onde teria contado *“com centenas de adesões”*. “Grupos da U.R.N. em todas as cidades do Estado”. *Folha da Manhã*, 5/10/1945, p. 12. Disponível em [acervo.folha.uol.com.br](http://acervo.folha.uol.com.br). Acessado em 03/08/2014.

<sup>20</sup> Relatório de Teóphilo Mesquita, Delegado Adjunto. São Paulo, 17/10/1945. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*, fl. 14. DOPS-SP, DAESP.

<sup>21</sup> *“(…) dos quais quatro mil e quinhentos são operários da Nitro-Química.”* *Id.*



Falaram, com entusiasmo e habilidade, a Senhora Maria Elisa Moura Rosa e os senhores dr. Lima Neto, José Mayrink, Humberto Marcondes Pereira e Helio Panaiol.

José Mayrink e Dr. Lima Neto conseguiram empolgar a assistência, mantendo-a sempre atenta aos argumentos bem concatenados com que demonstraram que o Brasil não precisa nem deve importar teorias políticas que desgraçaram outros países, arruinando a Itália e a Alemanha [sic] e escravizando o povo eslavo dominado pelo totalitarismo de Stalin. Defenderam nossas tradições religiosas e democráticas; fizeram sentir que, por mais que a Rússia, como nobre aliada, fizesse para resistir aos exércitos alemães, seria esmagada se não tivesse tido o amparo da democracia norte-americana. Isso confessado, reconhecido pelo próprio Stalin, ao se referir à defesa de Stalingrado.<sup>22</sup>

É de se notar na argumentação dos palestrantes a relação um tanto estranha que fazem entre os regimes fascista e nazista de um lado e o soviético, de outro, como se fossem da mesma natureza. Soa ainda mais estranha quando sabemos vinda de dois antigos militantes integralistas, os quais tinham clara simpatia pelos regimes fascistas italiano e alemão, nos anos 30. Contudo, como a situação era agora diferente, com os fascismos anatematizados com o resultado final da guerra, era estratégico associá-lo ao seu inimigo de sempre, o comunismo. Assim, nesse caso em particular, os palestrantes queriam dizer que todos aqueles regimes e ideologias – fascismo, nazismo e comunismo – eram estrangeiros, e portanto, não pertenciam à realidade brasileira, a qual possui “tradições religiosas e democráticas” próprias. Esse argumento será desenvolvido mais tarde também pelo Partido de Representação Popular.<sup>23</sup>

O segundo comício da URN em São Miguel Paulista (então chamada Baquirivu), ocorreu um mês depois, no dia 15 de novembro, alguns dias após a visita do líder comunista Luiz Carlos Prestes. Por conta disso, é possível que a URN tenha convocado tal *meeting* para demarcar território político. Perante uma audiência de cerca de 500 pessoas, falou entre outros, outro ex-membro da AIB, Roland Corbisier, o qual foi

---

<sup>22</sup> *Id.*, *ibid.* Lima Neto e Mayrink foram militantes da AIB.

<sup>23</sup> No *Manifesto-Diretiva*, escrito em julho de 1945 por Plínio Salgado ainda no exílio, e que já circulava entre os integralistas naquele momento, já está posto: “Ora, do mesmo modo como a Inglaterra esteve ameaçada por inimigos estrangeiros, também o Brasil o esteve de 1932 a 1937, tanto pelos planos racistas do nazismo como pelos deliberados desígnios do comunismo totalitário, e essa situação justificava a atitude integralista naquele momento, atitude que mais ainda se justificou quando, em setembro de 1939, nazistas e comunistas se identificavam no mesmo pacto.” SALGADO, Plínio. *O Integralismo perante a Nação* (1955: 365-6). Uma edição do *Manifesto-Diretiva* foi anexado em 24-J-2-22.



aplaudido “*entusiasticamente*”. O tema, mais uma vez, foi o combate ao comunismo. O relatório da reunião foi escrito também por Teophilo Mesquita, o qual contou com a ajuda de nove investigadores e quinze guardas-civis.<sup>24</sup>

A ação em São Miguel parece ter sido bem sucedida, pois encorajou os membros da URN a criar uma sede no distante distrito paulistano, alguns meses depois. No dia 16 de março de 1946, foi instalada a sede local da URN. Naquela noite, houve uma sessão doutrinária, na qual compareceram cerca de trezentas pessoas. Os oradores foram Roland Corbisier (que o investigador grafou “Rolando Carlessier”), além de Mário Cabral e Angelo Simões de Arruda, ambos antigos militantes da Ação Integralista Brasileira e que também seguiriam para o PRP. Ao final da sessão, cujo tema central foi o comunismo, foi constituída uma diretoria local.<sup>25</sup>

Além de organizar comícios e sessões doutrinárias, a URN participou, ou pelo menos, tentou participar de enfrentamentos políticos com a esquerda. Em 2 de outubro de 1945, um relatório de investigação não assinado informa que:

“Consta, que elementos pertencentes á União de Resistência Nacional e **outras organizações anti-comunistas**, pretendem perturbar o comício “Queremista”, que se realizará amanhã, dia 3, na Praça da Sé. Ao que se diz, esses elementos estão preparados para entrar em ação, **pois contam com o apoio de pessoas de grande influência nos meios políticos e no cléro.**”<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> Relatório de Teophilo Mesquita, Delegado Adjunto. São Paulo, 16/11/1945. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*. DOPS-SP, DAESP. É muito interessante notar que, integralista e anticomunista apaixonado na juventude, Roland Corbisier se converte ao marxismo e militante do PC do B até o fim de seus dias, em 2005. Antes disso, foi um dos fundadores do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), espécie de centro de ideias do nacional-desenvolvimentismo do governo JK [ver texto sobre Corbisier] Sua irmã, Margarida Corbisier, contudo, continuará integralista no pós-guerra, sendo uma das principais lideranças femininas do PRP.

<sup>25</sup> “Relatório da Secção de Policiamento da Ordem Política – Obj.: Instalação da sede do Partido de Resistencia Nacional, em Baquerivú”. Relatório assinado pelo encarregado Aristides Lopes, 18/03/1946. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*. DOPS-SP, DAESP. O investigador chama a entidade de “partido” ao longo de todo o relatório. Certamente se trata de algum equívoco, pois num pedido de autorização enviado pela URN um mês depois para outra reunião em São Miguel, o termo usado é o mesmo, além de denominar-se como “*entidade super-partidária*”. Documento sem título assinado por Luiz Barros Uihôa Cintra. São Paulo, 22/03/1946. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*. DOPS-SP, DAESP. A diretoria foi composta por Otavio Pupo Silveira, diretor; Manoel da Costa e Silva, secretário; e José Ferraz da Silva, tesoureiro. “Relatório da Secção...”, citado.

<sup>26</sup> “Obj.: Política paulista. F-1”. São Paulo, 2/10/1945. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*. DOPS-SP, DAESP. O sublinhado é do original, o negrito é meu. Não foi possível verificar se “F-1” é o código do agente ou da seção, ou outra coisa.

O comício ocorreu sem incidentes<sup>27</sup>, mas é possível que tenha havido a intenção de se contrapor ao movimento queremista, dado o apoio declarado do PCB à permanência de Getúlio Vargas no poder, com uma Assembleia Constituinte. A presença de integralistas na URV justificaria ainda mais essa ação, dada a repulsa com que os antigos membros da AIB passaram a tratar o presidente, devido à perseguição promovida por Vargas a eles durante o Estado Novo. O relatório policial indica “*o apoio de pessoas de grande influência nos meios políticos*”, o qual deve se referir ao poder dos militares envolvidos na URN, e/ou ao apoio de personalidades importantes (não só políticos), que não implicava necessariamente numa participação presencial dessas em suas fileiras e comícios.<sup>28</sup>

Cabem agora algumas observações sobre o funcionamento das investigações. No prontuário da URN, para além dos pedidos de autorização ao DOPS para a realização dos comícios, encontra-se a transcrição de um pedido de policiamento para o primeiro deles, ocorrido no Teatro Municipal de São Paulo, em 16 de setembro de 1945. O texto manuscrito foi redigido em papel timbrado do gabinete da Secretaria da Segurança Pública:

“Senhor Delegado Auxiliar de Ordem Política e Social

Atendendo solicitação do Professor Goffredo da Silva Telles Júnior, recomenda o Senhor Secretário seja providenciado policiamento para o **próximo domingo – dia 16** do corrente -, a partir das 21 horas, no **Teatro Municipal**, onde se realiza, então, uma sessão da **União de Resistência Nacional**.

Attenciosamente

(Assinatura ilegível)

---

<sup>27</sup> “O comício de ontem pró-Constituinte com Getúlio Vargas”. *Folha da Manhã*, 4/10/1945, p. 18. Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1945/10/04/1/>. Acessado em 02/08/2014.

<sup>28</sup> Quanto a presença de membros do clero, um nome que aparece na documentação policial, vinculado à URN, é o padre José Bálint, uma das principais lideranças dos Círculos Operários Católicos de São Paulo. Comunicado preparado por S-1, sobre a União de Resistência Nacional, 7/11/1945. 20-Z-22-12. SS-DOPS-SP, DAESP.

Logo abaixo, está redigido com lápis o número e os tipos de agentes, que devem estar presentes no evento, bem como a localização e o horário:

“19 h Int. – 12 g. civis  
Ext. – 10 - “ –  
10 invest.”<sup>30</sup>

Ou seja: já às 19 horas, portanto duas horas antes de iniciar o comício, deveria haver no interior do Teatro, doze guardas civis; no lado de fora (exterior), dez guardas civis e dez investigadores<sup>31</sup>. Evidentemente, o pedido de policiamento era para evitar algum tipo de enfrentamento com opositores da URN, os quais chamavam a mesma jocosamente de “*União de Reacionários Nazifascistas*”<sup>32</sup> ou ainda “*Último Reduto Nazista*”<sup>33</sup>.

Três dias depois, foi redigida pelo Delegado Chefe do DOPS, Venancio Ayres, uma “escala de policiamento extraordinário”, com os nomes de todos os que deveriam estar presentes e respectivas funções: “autoridades” (constavam os nomes de João Guedes Tavares e Coriolano Nogueira Cobra), o encarregado dos agentes (Floriano Batista do Nascimento), bem como o nome de todos os guardas civis presentes. Abaixo, mais uma informação relevante: “*Reforço nesta D.O.P.S. – Turma de Choque*”, demonstrando que a

---

<sup>29</sup> Memorando manuscrito em papel timbrado do Gabinete do Secretário da Segurança Pública de São Paulo. Assinatura ilegível. São Paulo, 10/09/1945. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*. DOPS-SP, DAESP.

<sup>30</sup> *Id.*

<sup>31</sup> Sobre o elevado número de investigadores, diz uma historiadora: “O objetivo da polícia política era vigiar todos os espaços e ações da sociedade, razão que justificava o elevado número de funcionários do DEOPS, assemelhando-se a um ‘cabide empregos’. Havia tantos investigadores que muitos ficavam diariamente sem ter o que fazer. Prado Marcondes [ex-agente do DOPS] nos contou, por exemplo, que cerca de cinquenta investigadores ficavam num grande salão, no 1º andar do DEOPS, jogando damas ou xadrez, enquanto aguardavam ordens por tempo indeterminado” (SANTOS, 2008: 78).

<sup>32</sup> Comunicado preparado por S-4. São Paulo, 16/09/1945. 20-Z-22-4. SS, DOPS-SP, DAESP.

<sup>33</sup> Comunicado preparado por S-1. São Paulo, 07/11/1945. 20-Z-22-11. SS, DOPS-SP, DAESP.





Delegacia estava preparada para preparada para possíveis enfrentamentos que, por fim, não ocorreram, pois a lápis estava escrito: “*sem incidentes*”.<sup>34</sup>

Com a data do mesmo dia, possivelmente feito imediatamente após a solenidade de instalação, uma das “autoridades” acima referidas o Delegado-Chefe do Setor de Ordem Social, João Guedes Tavares, datilografou um relatório do comício, iniciando-o como posto abaixo:

“Senhor Doutor Delegado Auxiliar, Chefe do Departamento de Ordem Política e Social, Cumprindo determinações de V.S., compareci em data de ontem ao Teatro Municipal, a-fim de presidir ao policiamento da solenidade da instalação da ‘UNIÃO DE RESISTENCIA NACIONAL’, solenidade essa que se realizou ás 21 horas no referido local, sob a presidência do professor Mario de Souza Lima.”<sup>35</sup>

E seguiu-se um relatório da reunião. Ora, o que podemos concluir da documentação aqui exposta? As investigações são feitas independentemente dos pedidos de policiamento, sem dúvida; mas o policiamento pedido traz junto consigo vários investigadores, ou os próprios encarregados do policiamento também desenvolvem relatórios. No prontuário da URN, existem dois relatórios sobre a reunião, escritos por agentes diferentes: o citado acima, de autoria de Tavares, e um outro, assinado por Celso Cruz<sup>36</sup>, cujo nome não está na escala que mencionamos. Acreditamos que isso ocorria com o objetivo de acúmulo de informações e para se ter a visão mais ampla possível, já que, dois relatores diferentes de um mesmo evento poderiam ter visões diversas do mesmo evento: o que um vê, para o outro pode passar despercebido.

---

<sup>34</sup> “Escala de Policiamento Extraordinário de Ordem Política e Social para um Sessão da União de Resistência nacional a realizar-se [sic] no próximo dia 16/09/1945”. Assinado por Venancio Ayres, Delegado Auxiliar e Chefe do Departamento de Ordem Política e Social. São Paulo, 13/09/1945. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*. DOPS-SP, DAESP.

<sup>35</sup> Relatório assinado por João Guedes Tavares ao Delegado Auxiliar, Chefe do Departamento de Ordem Política e Social. São Paulo, 16/09/1945. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*. DOPS-SP, DAESP.

<sup>36</sup> “Obj.: União de Resistência Nacional, com sede no 24º andar do Prédio Martinelli, sala 2.406 – Relatório da Secção de Investigações de O. Política. – Investigador Celso Cruz”. Dirigido ao Delegado Especializado de Ordem Política. [São Paulo], 17/09/1945. Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*. DOPS-SP, DAESP.



Além do pedido de policiamento, houve ainda pedidos de autorização para os comícios e reuniões, como este, a ser realizado no bairro do Ipiranga:

Exmo. Snr. Dr. Delegado de Ordem Política e Social.

S. Paulo.

A “UNIÃO DE RESISTÊNCIA NACIONAL”, organização superpartidaria, de afirmação dos valores Moraes e espirituais da Nação Brasileira, que já fez realizar, em dias do mez de Setembro p. findo, no Theatro Municipal desta cidade, a sua sessão de instalação, conforme é do conhecimento dessa Delegacia, pelo seu Secretario infra-assinado vem requerer de V. Ex. permissão para levar a efeito, no próximo dia 15, ás 20 horas, de acordo com o programa anexo, uma reunião festiva, no pavilhão theatro Monumento, Bairro do Ipiranga, também nesta Capital.

Certo de que V. Exa. acolherá seu pedido, subscrevo respeitosamente, aguardando DEFERIMENTO.

São Paulo, 11 de outubro de 1945

Cássio Lanari do Val<sup>37</sup>

Na mesma folha, em manuscrito, está grafada a autorização do Delegado de Ordem Política, com data de dois dias depois. Um pouco acima, outra inscrição diz: “25 *guardas civis*” e “20 *investigadores*”. Atrás da folha o carimbo devidamente assinado: “*Providenciado o policiamento*”,<sup>38</sup> o qual foi pormenorizado na “*Escala de Policiamento Extraordinario*”, do mesmo dia do evento.<sup>39</sup>

É lícito que nos indaguemos se os membros da URN sabiam ou não sobre essas

---

<sup>37</sup> Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*, fl. 20. Sublinhados feitos pelo DOPS-SP.

<sup>38</sup> Id. A data do carimbo é posterior ao comício: 16/10/1945.

<sup>39</sup> Logo abaixo do título estavam o local, o nome da “autoridade”: Dr. Leopoldo Mendes da Costa; o encarregado dos investigadores: Evaristo Braga; que chefiava outros 19 investigadores, cujos nomes estavam todos discriminados. Abaixo, estava escrito: “25 *guardas civis*”, cujos nomes não estavam discriminados. Abaixo o local da assinatura continha o nome de Venancio Ayres, como Delegado Auxiliar da 5ª Divisão Policial, mas estava em branco. “Escala de Policiamento Extraordinario de Ordem Política e Social para o Comício da União de Resistência Nacional, a realizar-se [sic] hoje, dia 15, ás 19 horas.” Prontuário 6691, *União de Resistência Nacional*, fl. 22.

investigações. É possível que sim, e deviam achar que era parte do jogo. Também é possível que, mesmo sabendo que eram espionados, se sentissem mais seguros, afinal os maiores alvos do DOPS-SP eram sabidamente, os comunistas. E, talvez o interesse do DOPS em vigiar com tamanho número de agentes uma entidade anticomunista era, além de ter o controle completo sobre todas as organizações da sociedade (inclusive as que comungavam de ideais semelhantes aos da polícia política) era a possibilidade de apanhar alguns comunistas, em caso de algum tipo de enfrentamento que pudesse vir a ocorrer.<sup>40</sup>

Apesar de toda essa movimentação e expansão, a URN, assim como sua congênere Cruzada Brasileira de Civismo, não parece ter tido atividades para além do segundo semestre de 1946, de acordo com a documentação consultada. Os motivos disso não estão claros, mas é possível que a deposição de Vargas e o consequente fim do movimento queremista, que reunia e era ostensivamente apoiado pelos comunistas, a consolidação dos partidos como principais entidades atuantes na vida política brasileira a partir das eleições presidenciais de dezembro de 1945 e das eleições legislativas para a Assembleia Nacional Constituinte em 1946 (inclusive o Partido de Representação Popular) e o crescente cerco político-institucional que culminará com a cassação do PCB em 1947, tenham contribuído para o fim dessas associações cuja principal razão de existir era o anticomunismo. E, a partir do momento em que os integralistas dispunham de seu novo partido, essas entidades não se faziam mais necessárias.

A União de Resistência Nacional se constituiu de uma frente suprapartidária de combate ao comunismo no Brasil, ou mais exatamente, no Estado de São Paulo. Apesar desse caráter suprapartidário, era inegável a importante presença dos integralistas, os quais, como tais, ainda tinham sua aparência pública fragilizada por conta das associações feitas a partir de seu passado recente, bem como da propaganda estadonovista, que os identificavam com os regimes fascistas europeus derrotados na guerra recém-terminada. Apesar da sua desconfiança em relação aos integralistas, o DOPS tinha conhecimento da presença destes na União, embora não fosse este o motivo que o levava a investigá-la, já

---

<sup>40</sup> De acordo com uma publicação oficial do DOPS, o Serviço Secreto (SS), *“infiltra-se nos meios revolucionários e conspirativos do Partido Comunista, a fim de colher as informações tão necessárias para rechaçar as investidas do inimigo oculto; desfazer seus planos; evitar a progressão do trabalho de propaganda; não fazer alarde de seus misteres; descobrir os planos revolucionários, para resguardar a tranquilidade e a ordem pública”*. SÃO PAULO (ESTADO): *Resumo Histórico do DOPS*. Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública. Departamento de Ordem Política e Social, 1953, p. 43, citado em POMAR (2002:56).



que não havia propaganda da velha doutrina do Sigma nos comícios, e a menção ao caráter integralista de alguns de seus militantes raramente era discriminada na documentação.

Resta falar sobre as duas pastas analisadas sobre a URN. Quais as diferenças e semelhanças entre o prontuário 6691 e o dossiê 20-Z-22, ambos sobre a União de Resistência Nacional? Ambos possuem documentos originais da entidade, como os manifestos e panfletos anticomunistas recolhidos pelos agentes, bem como relatórios de reuniões e comícios. Mas o prontuário, neste caso, tende a ser mais abrangente: além dos comícios no centro de São Paulo, há relatórios sobre outros bairros, com destaque para o de São Miguel Paulista, na periferia da cidade, onde havia forte núcleo comunista; um pedido de policiamento, e pedidos de autorização, que por sua vez geraram documentos internos do DOPS, sobre número de agentes a ser enviados aos eventos, o que deu uma melhor ideia sobre a dimensão da vigilância do DOPS sobre a entidade.

Outro elemento digno de nota: não há “diálogo” entre o prontuário e o dossiê, apesar de ambos serem produção interna do DOPS-SP. Ao se analisar os relatórios referentes à solenidade de inauguração em ambas as pastas, nota-se os conteúdos semelhantes. Mas assinaturas diversas indicam que são investigadores diferentes e não há referências mútuas. Ao que parece os setores são estanques, não trocando informações entre si.

## **FONTES E BIBLIOGRAFIA**

### **DOPS-SP**

Prontuário 6691 – “União de Resistência Nacional”

*Dossiês*

20-Z-22 - União de Resistência Nacional

24-J-2 – Partido de Representação Popular (pasta 1)

24-Z-5 – Integralismo (pasta 4)



### Jornais

*Folha da Manhã* (São Paulo) – 18/09/1945, 04/10/1945. Disponíveis em [acervo.folha.uol.com.br](http://acervo.folha.uol.com.br).

*Folha da Noite* (São Paulo) – 16/02/1945. Disponível em [acervo.folha.uol.com.br](http://acervo.folha.uol.com.br).

*Páginas de Combate* (Rio de Janeiro) – 14/09/1946

### Bibliografia

AQUINO, Maria Aparecida de; MATTOS, Marco Aurélio Vannucchi Leme; SWENSSON, Jr. Walter Cruz; MORAES, Maria Blassioli. *A Constância do Olhar Vigilante: A preocupação com o crime político. Famílias 10 e 20*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BUCCI, Eugênio. “Goffredo Telles Jr.” *Teoria e Debate*, 01/10/1990. Disponível em <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/goffredo-telles-jr?page=0,0>. Acessada em 29/07/2014.

CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no pós-guerra – A formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

FARIA, Damião Duque de. *Em defesa da ordem: aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1998.

MATTEI, Roberto de. *O Cruzado do Século XX – Plínio Corrêa de Oliveira*. Tradução de Leo Daniele. Porto: Livraria Civilização Editora [1997].

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”: o anticomunismo no Brasil, 1917-1964*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

POMAR, Pedro Estevam da Rocha. *A democracia intolerante: Dutra, Adhemar e a repressão do Partido Comunista (1946-1950)*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002.

SALGADO, Plínio. *O integralismo perante a nação*. São Paulo: Editôra das Américas [1955] (*Obras Completas*, volume 9).

SANTOS, Viviane Terezinha dos. *Italianos sob a mira da polícia política: vigilância e repressão no estado de São Paulo (1924-1945)*. São Paulo: Humanitas, 2008.



VICTOR, Rogério Lustosa. *O labirinto integralista: o conflito de memórias (1938-1962)*. Goiânia: IFITEG, 2013.

ZANOTTO, Gizele. *TFP – Tradição, Família e Propriedade. As idiosincrasias de um movimento católico no Brasil (1960-1995)*. Passo Fundo: Méritos, 2012.